

O INVENTÁRIO DAS COISAS

AUGUSTO LA FERE



ARS VERBI

O INVENTÁRIO DAS COISAS

AUGUSTO LA FERE

O INVENTÁRIO DAS COISAS

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2026

Créditos

O Inventário das Coisas

© 2026 Augusto La Fere
Publicado por *Ars Verbi*™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988753-3-6

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição — Não Comercial — Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença se aplica ao compartilhamento pela comunidade leitora. O autor mantém os direitos para a exploração comercial desta edição. Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor;
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>
<https://arsverbi.com.br>

Dedicatória

A quem reconhece o limite como medida
e fixa a forma no ponto do corte,
mantendo a precisão do gesto
sem acrescentar ao que se apresenta
nem retirar do que permanece.

"Quanto mais se usa o instrumento,
tanto menos ele se torna tema."

— *Martin Heidegger, Ser e Tempo*

Sumário

Prólogo.....	1
1. A Chave.....	2
2. A Pedra.....	3
3. A Moeda.....	4
4. O Bilhete.....	5
# Interlúdio 1.....	6
5. A Agulha.....	7
6. O Prego Torto.....	8
# Interlúdio 2.....	10
7. O Sino.....	11
8. A Porta.....	12
9. O Espelho.....	13
10. A Faca.....	14
11. O Copo.....	15
12. A Garrafa.....	16
13. A Tigela.....	17
14. A Caixa.....	18
15. A Pulseira.....	19
16. O Banco.....	20
17. O Caderno.....	21
18. A Bengala.....	22
19. A Corda.....	23
20. O Trilho.....	24
21. A Caneta.....	25
22. A Escada.....	26
# Interlúdio 3.....	27
23. A Poeira.....	28
24. A Sombra.....	29

25. A Janela.....	30
26. A Lâmpada.....	31
27. O Envelope.....	32
28. A Mala.....	33
29. O Rosário.....	34
30. O Sulco.....	35
31. A Roda.....	36
32. O Vidro Trincado.....	37
33. A Catraca.....	38
34. O Relógio.....	39
35. A Lixa.....	40
36. O Estalo.....	41
37. A Tesoura.....	42
38. O Livro.....	43
39. A Coluna.....	44
40. O Chapéu.....	45
41. A Máscara.....	46
42. A Vela.....	47
43. O Lenço.....	48
44. O Paralelepípedo.....	49
45. O Portão.....	50
46. O Portão de Ferro.....	51
47. A Mola.....	52
48. A Janela Aberta.....	53
Epílogo.....	54
Nota Biográfica.....	55
Colofão.....	56

Prólogo

Uma lâmina de aço
pousada sobre o plano.

O peso não penetra;
apenas marca o ponto
onde a extensão se interrompe.

O contato
entre o gume e a fibra
abre uma linha curta,

fria,
sem anúncio.

A pressão se firma
na largura exata do fio.

A partir daqui,
o que está de um lado
já não toca o outro.

1. A Chave

Metal denteado, argola, recorte exato.
O silêncio entre os dentes
já tem a forma do encontro.

Na palma,
pesa curto, fechado,
como um osso breve
que cabe inteiro na mão.

Fria, precisa,
cada dente guarda
o espaço que lhe falta.

Encosta.

Há um acordo sem ruído,
um alinhamento de vazios
na medida do corte.

Resiste.

Gira.

2. A Pedra

Massa inteira,
sem dobra que se anuncie.

A superfície não conduz.
A luz toca
e se mantém fora.

Peso contínuo,
assentado em qualquer ponto,
como se cada parte
guardasse o centro.

Nenhum gesto a atravessa.
Nenhum lado responde a outro.

Permanece
sem pedir apoio,
sem alterar a medida.

3. A Moeda

Disco de metal,
duas faces mantidas
por um bordo contínuo.

Na palma,
ocupa um ponto exato,
fria, fechada,
sem se expandir.

Solta.

No ar,
perde a posse,
gira breve,
um brilho sustentado
por um instante mínimo.

Cai,
toca o plano,
ainda roda
sobre a própria pressa.

Para
de um lado.

4. O Bilhete

Quatro dobras
fixam o tamanho.

Nos vincos,
a fibra muda de cor,
guarda a pressão da mão.

Fechado,
um retângulo exato.

A aba cede.

Por dentro,
a letra ocupa
o espaço justo,
inclina,
termina antes da borda.

Quem abre
põe os dedos
onde outra mão
fechou o papel.

Interlúdio 1

A moeda sobe
como se o ar a sustentasse mais do que a mão.

Por um instante,
as duas faces existem
sem se excluir.

O giro mantém
o que o chão separa.

Quando cai,
já não é possível saber
se decidiu
ou apenas cedeu.

5. A Agulha

Traço de metal,
quase linha antes de o ser.

A ponta insiste
na matéria
sem alargar o caminho.

Entra.

O corpo segue
no mesmo risco,
sem desvio.

O fio acompanha,
leve, contínuo,
sem abrir espaço além.

Sai.

A superfície
se recompõe.

6. O Prego Torto

A ponta acha a tábua.

No primeiro toque,
a fibra se fecha
como se reconhecesse o metal.

Vem o golpe.

A cabeça recebe,
mas a haste não segue inteira:
inclina.

O ferro entra
fora do próprio eixo,
forçando a matéria
a ceder de lado
sem abrir caminho limpo.

Outro golpe.

Avança
e desvia mais um tanto,
preso na direção que não corrige.

A madeira aperta
em torno do erro,
segura o corpo
que não se alinha.

Interlúdio 2

O golpe não para na cabeça.

Entra no metal,
corre pela haste,
alarga o ponto onde toca a madeira.

Um som curto
se abre na tábua
e percorre as fibras
em direções que não coincidem.

Não se repete igual.
Cada impacto encontra
um caminho próprio.

A mão sobe,
o martelo desce,
e o que passa entre ambos
não fica no lugar.

7. O Sino

Bronze suspenso,
curva inteira voltada ao chão.

O corpo reúne
um espaço invisível
antes do gesto.

O toque percorre
a espessura,
não rompe.

A vibração se abre
no ar,
alcança longe
sem abandonar o metal.

Cessa.

Fica ainda
um desenho de som
retido na curva.

8. A Porta

Superfície inteira,
presa por um eixo.

A espessura separa
dois lados
sem dissolver o vão.

Nem aberta,
nem fechada.

O gesto se interrompe
no meio do curso.

A dobradiça sustenta
essa pausa
sem resolver o movimento.

9. O Espelho

Superfície lisa,
sem relevo que retenha o olhar.
O plano devolve
o que recebe
na mesma largura.

A luz encosta
e volta inteira,
sem ganhar peso.

Nada se fixa.
O que aparece
depende do instante
e do ângulo do corpo.

O espelho não guarda forma:
mantém a passagem
sem conservar traço.

10. A Faca

Lâmina estreita,
fio contínuo levado a um limite que não se vê.
A luz corre pela borda
como água rápida sobre um risco.

No toque,
não há espessura:
há direção.

A matéria se abre
na medida do fio,
sem estilhaço,
sem sobra de caminho.

A mão guia.
O metal responde.

A abertura
não retorna.

11. O Copo

Vidro erguido,
um círculo sustenta outro
e entre ambos cabe o ar.

A borda afina
até quase desaparecer,
como se o limite fosse apenas o lugar
onde a luz muda de direção.

A transparência não esconde:
expõe o interior
como parte da própria forma.

Quando a água sobe,
não altera o corpo,
apenas ocupa a altura que já estava dada,
tornando visível
o que antes era medida.

12. A Garrafa

Corpo largo,
gargalo estreito,
uma passagem reduzida ao necessário.

O líquido não ocupa de uma vez:
desce,
se acumula,
aguarda o retorno pelo mesmo ponto.

O vidro não modifica o conteúdo,
mas decide o caminho,
obriga a matéria a passar
por um único lugar de saída.

O que entra não sai livre,
precisa reencontrar
a mesma abertura.

13. A Tigela

Forma aberta,
borda contínua
em torno de um fundo único.

A curva conduz
o que entra
sem interromper.

O interior reúne
sem dispersar.

Nada sai
sem passar pela mesma borda
que o contém.

Mesmo vazia,
a tigela mantém
o centro disponível.

14. A Caixa

Seis planos se encontram
até não haver diferença visível entre faces.

Os cantos sustentam o volume
sem indicar esforço,
como se o encontro bastasse
para manter o espaço.

Nada transparece,
nada sugere interior.

O corpo se afirma
na superfície que o define,
onde cada face contém o todo
sem precisar mostrá-lo.

15. A Pulseira

Aro contínuo,
curvatura mantida
sem ponto inicial.

O metal acompanha o pulso
num contato fino,
onde a pele cede
sem abrir espaço.

Por dentro,
há um ritmo que não se vê
e encontra o aro
por dentro,

curto,

repetido,

sem deslocar o metal.

A forma não se abre.
Mantém o círculo
enquanto algo passa
sem sair do lugar.

16. O Banco

Tábua horizontal,
apoio sem inclinação.

A superfície recebe
o peso de um corpo,
depois outro,
depois nenhum.

A madeira não escolhe.

Mantém a forma
entre um uso e outro.

Quando vazio,
o espaço do corpo
ainda coincide.

17. O Caderno

Folhas sobre folhas,
um bloco que se abre
em superfícies iguais.

Cada página repete
o mesmo campo,
mas não o mesmo gesto.

A linha começa,
avança.

Pode parar em qualquer ponto
sem completar figura.

O caderno não exige sequência.

Aceita o corte
como forma.

18. A Bengala

Haste rígida,
um ponto de contato com o chão.

A inclinação sustenta
um peso deslocado.

Não substitui o passo.
Acompanha.

O apoio acontece fora do eixo,
numa linha que corrige
sem fixar.

Entre a mão e o chão,
o equilíbrio não se firma:
ajusta.

19. A Corda

Cabo de fibras torcidas,
corpo contínuo,
sem face lisa.

No chão,
forma círculos baixos,
voltas encostadas,
com a mesma espessura.

A aspereza percorre
toda a extensão.

Entre dois pontos,
o corpo se alonga.

As curvas permanecem
presas dentro da linha.

20. O Trilho

Duas linhas,
mantidas à mesma distância.

Nenhuma se aproxima.
Nenhuma se afasta.

O caminho se estabelece
sem escolha lateral.

A matéria sustenta
essa direção contínua,
reta por insistência,
longa por repetição.

O movimento
não pede chegada.

21. A Caneta

Corpo estreito,
ponta recolhida num orifício mínimo,
como se o metal guardasse a própria saída.

Entre os dedos,
o eixo se fixa sem esforço aparente.
A pressão percorre a haste
e encontra o papel
num ponto onde a superfície deixa de ser lisa.

A tinta não preexiste ao gesto.
Surge ali,
escurecendo a matéria clara
numa linha que varia sem se explicar.

O traço avança, hesita,
retoma em outra direção,
e a superfície passa a conter um caminho
que não estava nela.

22. A Escada

Degraus repetidos,
cada um sustentando a mesma altura
sem diferença visível.

O corpo sobe por acréscimo,
pé, outro pé,
numa cadência que não precisa de contagem.

A mão encontra o corrimão
não para guiar,
mas para manter o eixo
quando a vertical se alonga demais.

A subida não se resolve em chegada.
Permanece como série,
cada nível contendo o anterior
sem ultrapassá-lo por completo.

Interlúdio 3

A escada foi montada com uma peça a mais.
Não perfeita como a do sonho.

Os degraus mantêm a mesma altura,
o mesmo recuo,
a mesma madeira.

No meio da subida,
o passo encontra uma repetição
que não coincide com o ritmo do corpo.

O pé desce onde já desceu,
e o corpo começa a duvidar da própria memória.

A mão percorre o corrimão
e sente uma medida que se alonga
sem mudar de forma.

A sequência segue inteira,
feita das mesmas partes,
mas o percurso deixa de caber
na contagem.

A subida continua.

23. A Poeira

Partículas mínimas,
quase sem peso suficiente
para decidir uma queda.

No ar,
a matéria se distribui em demora.
Não cai,
também não permanece.

A luz encontra cada grão
e o torna visível por um instante
que não se repete no mesmo lugar.

Um gesto atravessa esse campo
e o desloca sem ordená-lo.
O que se move não forma direção,
apenas altera a densidade
de um volume instável.

Depois,
a suspensão se recompõe
sem retornar ao ponto anterior.

24. A Sombra

Forma sem espessura,
definida pela interrupção da luz.

Acompanha o contorno
sem aderir à matéria,
como se fosse apenas o limite do que não chega.

Desloca-se com o objeto,
mas não o reproduz por completo.
Altera-se conforme a incidência,
alongando-se, fragmentando-se,
sem conservar proporção.

A superfície a recebe
sem retê-la,
e o que nela aparece
não permanece além da posição da luz.

25. A Janela

Abertura no plano do muro,
bordas que definem o corte
sem ocupar o espaço central.

O vão não contém,
apenas permite a passagem
de luz, ar e olhar.

Interior e exterior
se encontram na espessura do limite,
sem se misturar.

A forma da janela
não altera o que atravessa,
mas determina como isso se apresenta
de um lado e de outro.

26. A Lâmpada

Bulbo translúcido,
um filamento suspenso no centro,
quase sem massa diante da claridade que produz.

A luz não ocupa o espaço inteiro.
Parte de um ponto
e define o alcance pelo contato.

As superfícies ao redor
ganham contorno
na medida em que recebem essa incidência,
como se a forma dependesse da exposição.

O que fica fora
permanece indistinto,
não por ausência,
mas por não participar do foco.

27. O Envelope

Papel sobre papel,
linhas que se procuram
até coincidir.

A aba não acrescenta corpo,
apenas prolonga o plano
até fechar o que estava aberto.

O interior depende desse contato:
se a borda falha,
o oculto deixa de se manter.

A pressão entre superfícies
é o que sustenta o que não aparece.

28. A Mala

Volume fechado,
alça que reúne o esforço num ponto.

O conteúdo não se mostra,
mas distribui o peso
de modo irregular.

Ao erguer,
o corpo precisa compensar
para manter a unidade.

O deslocamento carrega
uma massa que não se acomoda por completo,
exigindo ajuste contínuo
para não ceder no percurso.

29. O Rosário

Contas alinhadas,
uma após a outra,
ligadas por um fio que não se mostra.

Entre os dedos,
cada esfera gira curto,
como um grão duro
que não se desfaz no toque.

O percurso não se abre:
retorna pelo mesmo comprimento,
onde cada ponto repete o anterior
sem se confundir com ele.

30. O Sulco

Linha aberta na superfície,
resultado de uma pressão
que não passou sem deixar forma.

A matéria não se separa.
Cede.

O gesto percorre
e se fixa no mesmo lugar,
como se o movimento tivesse parado
dentro do plano.

A luz encosta
e encontra um limite baixo,
onde não atravessa
nem retorna lisa.

O traço não avança.
Mas muda o plano
cada vez que a luz passa.

31. A Roda

Cada ponto da borda
toca o chão
e o perde.

O giro se mantém
nessa troca breve,
como se o apoio queimasse
no instante em que se forma.

Nada permanece no contato,
e ainda assim
o movimento não cede.

32. O Vidro Trincado

Superfície lisa,
transparência mantida
até o ponto da ruptura.

Uma linha fina atravessa
sem separar,
divide sem abrir espaço.

A luz encontra o desvio
e se quebra nele,
já não passa inteira,
se dispersa no próprio plano.

O que se vê
não coincide consigo:
cada lado sustenta
uma imagem ligeiramente deslocada.

O vidro permanece,
mas não íntegro.

33. A Catraca

Não gira.
Não para.

Avança
trava
avança.

Cada dente
segura o movimento
como uma mão breve
que não deixa passar de uma vez.

A passagem se constrói
nesses cortes curtos,
onde seguir depende
de ser detido.

34. O Relógio

Círculo fechado,
marcas distribuídas com rigor
em torno de um centro que não se move.

O ponteiro percorre sempre o mesmo campo,
não para chegar a um ponto,
mas para refazer o percurso.

O movimento não acumula diferença.
Repete.

A coincidência entre início e retorno
não altera o trajeto,
apenas o reinscreve.

O mecanismo insiste
numa regularidade que não se justifica fora de si,

como um dente que nunca alcança
o lugar que já ocupa.

35. A Lixa

Superfície áspera,
grãos fixos
num plano que não cede.

O contato não desliza.
Encontra resistência
em cada ponto.

A matéria não se abre de uma vez.
Cede por desgaste,
camada após camada,
numa perda que não interrompe o gesto.

O movimento retorna
sobre o mesmo lugar,
até que a forma mude
sem que um corte a tenha definido.

36. O Estalo

Som seco,
nascido do encontro
que não se prolonga.

O ar abre curto
no ponto do contato
e segue por um raio mínimo,
tocando bordas próximas
que respondem com um retorno breve.

Não há percurso longo.
Há um espalhamento curto
que se desfaz enquanto ocorre.

O que estava contínuo
se interrompe ali
e reaparece logo adiante,
ligeiramente deslocado
pelo ar que se alterou.

37. A Tesoura

Duas lâminas cruzadas,
um eixo que não resolve o encontro,
apenas o sustenta.

A aproximação reduz o espaço
entre as superfícies
até um limite em que a matéria não permanece
inteira.

O corte não é antecipado,
não se acumula antes,
nasce no ponto exato
em que as lâminas coincidem.

O movimento não separa por si,
mas torna inevitável
que o que estava unido
deixe de estar.

38. O Livro

Folhas reunidas na lombada,
um corpo que não se oferece de uma vez.

Cada página abre um plano
e recolhe outro,
como se o interior se reorganizasse
a cada gesto.

O volume não guarda um único dentro,
mas uma sequência
onde o acesso depende da posição.

O que se alcança
não esgota o que permanece.

39. A Coluna

Corpo vertical,
base que distribui o peso ao solo.

A altura depende da continuidade da matéria
ao longo do eixo,
cada parte recebendo a carga
e conduzindo-a para baixo.
Não há ponto isolado de sustentação,
mas uma transmissão constante
que mantém o conjunto.

O que se eleva não se desprende,
permanece ligado
à linha que o conduz até o chão,

como se a altura fosse apenas
uma demora da queda.

40. O Chapéu

Copa moldada,
um volume que guarda
a medida de uma cabeça que não está.

Por dentro,
o espaço não se desfaz,
permanece ajustado
como se o contorno ainda insistisse.

A aba se estende,
circunda o vazio
e projeta ao redor
uma faixa de sombra
que acompanha sem tocar.

41. A Máscara

Superfície curva,
traços definidos antes do uso.

O rosto encosta por dentro
sem coincidir,
ocupando um espaço
que não responde.

Os olhos atravessam aberturas
que não pertencem ao olhar,
apenas o deixam passar.

A forma que se vê
não se altera com o movimento,
permanece na expressão
que não cede.

42. A Vela

Corpo estreito,
matéria firme que se mantém de pé.

A chama se fixa no topo
sem adquirir forma estável,
altera o ar próximo
enquanto permanece no mesmo ponto.

A cera cede
em resposta ao calor,
desce lenta,
reconfigurando o volume
sem interromper a vertical.

43. O Lenço

Tecido leve,
superfície que não se fixa em uma forma.

Entre as mãos,
dobra,
cede,
se ajusta ao gesto
sem impor resistência.

O plano se perde
em volumes transitórios,
cada posição anulando a anterior
sem permanecer.

44. O Paralelepípedo

Bloco de pedra,
faces gastas pelo mesmo contato repetido.

Não há posição fixa.
Cada face já foi chão.

O peso se distribui
no ponto que recebe o impacto,
sem escolher orientação.

Entre um e outro,
o encaixe não é perfeito.
Mantém pequenas falhas
por onde a água entra,
permanece,
e retorna.

O plano não é liso.
Sustenta o movimento
sem eliminá-lo.

45. O Portão

Barras verticais,
intervalos regulares
que deixam ver o outro lado.

Não é muro.
Não é passagem.

O espaço se organiza
entre o que impede
e o que permite.

Há um dentro,
há um fora,
mantidos à vista.

O portão sustenta
essa divisão
sem resolvê-la.

46. O Portão de Ferro

Estrutura rígida,
peso concentrado nas barras.

O eixo sustenta
um movimento que não se resolve de uma vez.

Ao abrir,
o corpo inteiro responde
com atraso,
como se a massa precisasse
alcançar o gesto que a iniciou.

O deslocamento não flui.
Avança por impulso,
retém,
cede outro tanto.

O giro não para
no ponto em que a mão solta.

Segue um pouco além,
como quem ainda responde ao golpe.

Volta curto.

47. A Mola

Espiral de metal,
voltas separadas
por um espaço constante.

Entre os dedos,
o corpo cede
sem perder o desenho.

As voltas se aproximam,
o metal encosta
onde antes havia intervalo.

O gesto para.
O corpo permanece comprimido
um instante além da mão.

Ao soltar,
as voltas se afastam
no mesmo eixo.

A forma retorna.

48. A Janela Aberta

Abertura no plano,
sem matéria que a interrompa.

O ar atravessa
sem forma visível,
mas altera o interior
na medida em que entra.

O som passa,
não se fixa,
mas muda a espessura do espaço.

A luz já não é contida.
Distribui-se
sem respeitar o recorte inicial.

O limite permanece
na linha que não ocupa lugar,
mas o que atravessa
não retorna ao estado anterior.

Epílogo

Fita métrica,
estojo de metal,
a lâmina enrolada por dentro.

Puxa.

A marca zero sai primeiro,
depois as outras,
na mesma largura.

A tira corre,
mantém o plano,
sem torcer.

Chega a um ponto
onde a marca não está.

A numeração segue.
O espaço não.

Solta.

A fita retorna
pela mesma fenda,
sem recuperar o que faltou.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*TM, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se "*Cinco Formas*", "*Diálogos*", "*Buscando a Borges*", "*Ashes of Bronze*" e "*O Livro dos Restos*". Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, desenho de Georg Duffner e Octavio Pardo, na linhagem de Claude Garamond e Robert Granjon, sob a SIL Open Font License. O traço sustenta a página sem se impor. A letra assenta como matéria contínua, mantendo a medida entre forma e leitura.

Metal, vidro, pedra, papel, madeira, ar, luz e sombra encontram aqui um plano comum. Cada coisa se fixa no ponto em que o limite aparece, e permanece sem exigir sequência.

Concluído em Lapa, Paraná, em 2026, este livro permanece na posição em que foi deixado, disponível ao gesto que o retoma, como superfície que não perdeu a forma.

O INVENTÁRIO DAS COISAS

Não é catálogo, nem coleção.
É o registro do que resta quando o olhar se detém
no que costuma ser passagem.
São quarenta e oito entradas e três interlúdios
que não explicam: delimitam.
Cada texto é uma lâmina que circunscreve
a presença de uma coisa e a deixa ser o que é.
Sem discurso. Sem lição.
Apenas o bastante para que a forma se revele
no ponto exato do corte.

*Quanto mais se usa o instrumento,
tanto menos ele se torna tema.*

— MARTIN HEIDEGGER, SER E TEMPO

ARS VERBI

Edição Digital

LAPA, PARANÁ, BRASIL | 2026

ISBN: 978-65-988753-3-6



9 786598 875336

